

GULLAR E DRUMMOND: LIRISMO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

ALEXANDRE PILATI*

RESUMO

O artigo tem por objetivo levantar elementos para a leitura comparativa de dois importantes livros de poemas da lírica brasileira do século XX: *Dentro da noite veloz* (1975), de Ferreira Gullar e *Sentimento do mundo* (1940), de Carlos Drummond de Andrade. São considerados, para o recolhimento desses elementos, quatro poemas: “Agosto 1964” e “O açúcar”, de Gullar e “Noturno à janela do apartamento” e “Elegia 1938”, de Drummond. O artigo procura, a partir das análises, apontar semelhanças e diferenças verificáveis no lirismo participante dos dois poetas.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia participante; estética e política; poesia e retórica.

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta sugestões para uma leitura contrastiva dos livros de poemas *Sentimento do mundo* (1940), de Carlos Drummond de Andrade, e *Dentro da noite veloz* (1975), de Ferreira Gullar. Ambas as obras figuram certamente entre as mais importantes coletâneas de versos do século XX na língua portuguesa e são reconhecidas pela crítica como paradigmas fundamentais da chamada lírica participante brasileira. Os poemas que compõem tais livros podem ser considerados respostas poéticas de alta exigência aos problemas sociais e históricos que lhes eram contemporâneos. Cada um a seu modo, mas com atitude poética muito semelhante, Drummond e Gullar conseguem construir uma expressão

* Professor da Universidade de Brasília/UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil.
E-mail: alexandre_pilati@yahoo.com.br

dilacerada em relação ao conjunto de opressões, injustiças e desumanização que espreita a poesia. Na sua forma lírica de clara disposição política, ganha relevo e aproxima a poesia dos dois autores a figura de um eu-lírico bastante particularizado, que é capaz de fazer da expressão da contingência mais imediata e cotidiana um canto de escopo político universal. A partir da discussão desse núcleo expressivo comum, o trabalho procura também enfocar outros elementos que ajudam a descrever a consistência da resposta lírica à necessidade de compromisso social construída por Gullar e Drummond.

Para dar mais concretude à aproximação, serão comentados, a seguir, principalmente quatro poemas, dois de Gullar e dois de Drummond, nos quais parece haver um conjunto de questões semelhantes e bastante representativas das obras abordadas. Na abordagem dos poemas, será essencial compreender o quanto a tensão entre a autobiografia e a participação social consiste em um dos grandes fundamentos do alcance estético e político dos textos. Cumpre ressaltar ainda que a proposta deste trabalho não é descer à minúcia da análise literária cerrada, mas sim recolher elementos determinantes da estrutura da “poética participante” dos autores.

Para cumprir esse fim, os poemas escolhidos são:

- a. do volume *Dentro da noite veloz*, de Ferreira Gullar: “Agosto 1964” e “O açúcar”;
- b. do volume *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade: “Noturno à janela do apartamento” e “Elegia 1938”.

2., PARTICIPAÇÃO E VALOR ESTÉTICO

Sentimento do mundo (1940), de Carlos Drummond de Andrade, e *Dentro da noite veloz* (1976), de Ferreira Gullar, como é sabido, integram momentos de significativa inflexão no conjunto da obra dos autores. No caso do poeta mineiro, *Sentimento do mundo* representa, entre diversas outras coisas, um momento de incontestável maturação da poética, especialmente devido à suplantação de certa dicção vinculada ao que se convencionou chamar de “o nosso primeiro modernismo”, como se via em

Alguma poesia (1930) e *Brejo das almas* (1934). Essa nova dicção sustenta-se em uma mirada crítica de projetiva realista, que dissolve os resquícios de culturalismo modernista ainda presentes nos livros da primeira fase drummondiana, conservando a força do impasse e da crítica do mundo vivida intimamente pela subjetividade poética. Além disso, ressalte-se que se trata de uma obra que marca a mudança de Drummond para a capital do país, o Rio de Janeiro, onde trabalha como chefe de gabinete do Ministro Gustavo Capanema no Governo Vargas.

No caso do poeta maranhense, vale recordar que o par de livros *Dentro da noite veloz* (1975) e *Poema sujo* (1976) irá significar um novo patamar de exigência estética e de urgência de compromisso político-social para Gullar. Com essas duas obras, o escritor incrementa decisivamente a qualidade de sua poesia, deixando para trás tentativas mais unilaterais de poética, tais como a pesquisa formal radical do livro *A luta corporal* (1954), a experimentação dos poemas concretos e neo-concretos e a experiência de uso engajado e programático do canto popular dos “Romances de Cordel”. A escrita dos poemas desses dois livros da metade dos anos 1970, para além de tudo disso, carrega o peso da contingência da ditadura e a agonia da vida em exílio. O eu-lírico fala sob o assédio de diversos mecanismos de opressão, da lógica da mercadoria ao regime militar, tudo concebido poeticamente a partir do prisma do ambiente urbano latino-americano, onde se sente sobre a cabeça a espada do imperialismo norte-americano.

Sentimento de mundo e *Dentro da noite veloz* representam, portanto, momentos muito significativos na obra dos autores porque seus poemas dão vazão a uma poesia participante de atilada consistência estética, certamente tributária da maturação da pesquisa de linguagem, que se soma a uma necessidade de expressão individual (e no limite autobiográfica) de muitos dos textos. Desses elementos matriciais forma-se a vocação civil dos livros de Gullar e de Drummond. Tal vocação precisa ser avaliada não como algo expletivo, de menor importância ou restrito ao plano dos temas, assuntos e imagens. A atenção civil ou amplamente política das obras precisa ser entendida como inextricável do processo de aperfeiçoamento

estrutural da poética, que destina as obras de um e outro autor a um novo e, como já dito, mais exigente patamar de valor estético.

Críticos atentos e de primeira hora perceberam muito bem tudo isso que foi indicado até aqui. Basta lembrar, por exemplo que, sobre *Dentro da noite veloz*, João Luiz Lafetá afirmou, no fundamental ensaio “Traduzir-se”:

As composições dessa época, reunidas no volume *Dentro da noite veloz*, têm como principal característica a procura de equilíbrio entre a expressão dos sentimentos subjetivos e a comunicação da visão de mundo. A linguagem poética fica mais complexa e – embora tenha abandonado o agressivo experimental do primeiro livro – impressiona pela facilidade com que desentranha do coloquialismo uma atmosfera poética densa, esplêndida como as peras maduras, mas tranquila, sem a sombra do desespero. [...] Some a desarmonia: construir não é mais destruir-se ferozmente (como em “Um programa de homicídio”), e a identidade de “homem comum” parece capaz de solidificar um centro forte que domine e vença as contradições (LAFETÁ, 2004, p. 199-201).

A identidade lírica, assim, não é mais a de poeta atormentado, isolado do cotidiano, entregue ao dilema da linguagem manejada com o fito do intransitivo dizer poético. Tal identidade é agora a do “homem comum”, que vivencia através do cotidiano a História, através da mediação fundamental que é seu dilemático papel de intelectual brasileiro, a recolher suas experiências e torná-las poesia visceralmente ligada ao andamento político do país e mesmo do mundo.

Antonio Candido, falará algo num diapasão semelhante a respeito do *Sentimento do mundo*, ressaltadas, é claro, as devidas peculiaridades da poética drummondiana e do tempo de produção e de publicação da obra:

De 1940 é o livro *Sentimento do mundo*, onde a poesia chamada participante ganhou no Brasil uma tonalidade diferente, pois o poeta conseguia exprimir o estado de sua alma de um jeito que importava simultaneamente em negar a ordem social dominante, não faltando poemas nos quais eram visíveis a adesão ao socialismo e a negação do sistema capitalista. Tudo isso em chave de lirismo, como alguma coisa

que vem de dentro e existe antes de mais nada enquanto modo de ser; mas revelando tão claramente a posição política, incompatível com as funções de chefe de gabinete, que não foi possível lançar o livro no mercado, naquele momento de censura total. [...] A impressão dominante foi de coisa nova, inclusive naquele terreno onde os moços do meu tempo procuravam uma solução que convencesse, para além da geralmente fraca *poesia participante*. Era como se o poeta tivesse afinal conciliado de maneira exemplar “os óleos inconciliáveis da verdade e da beleza”, encontrando o *quid* que poderia gerar a verdadeira poesia política, por meio da sua incorporação ao modo de ser e, sobretudo, dizer. (CANDIDO, 2004, p. 24)

Parece, então, importante guardar, no cotejo das duas obras enfocadas, o que de essencial dizem esses dois críticos sobre elas, a fim de que se monte ao menos um esquema da problematização crítica possível acerca da lírica participante de Drummond e de Gullar: seus contatos, diferenças, avanços e limites. De Gullar, como percebemos, Lafetá sublinhará a dinâmica de equilíbrio que rege a forma poética que harmoniza concepção de mundo e expressão subjetiva. De Drummond, Candido dirá que se cria, com *Sentimento do mundo*, uma poesia participante que “vem de dentro”, na qual não se verifica a rendição da poética à essência preemptória da retórica típica do discurso político/ideológico.

4. CONDIÇÕES POÉTICAS MATRICIAIS: “SOLIDÃO” E “HOMEM COMUM”

É plausível considerar que, nesses enfoques recuperados de Lafetá e Candido, está a súpula da energia lírica que não deixará as formas poéticas de um e outro autor se dissolverem no “canto engajado”, “panfletário”, desproblematizado ou unilateral. Ao mesmo tempo, tais formas suplantam o refúgio subjetivista e de transe linguístico que tantas vezes tolda o olhar do gênero lírico para a realidade. Há, pois, um centro lírico que preserva contradições entre mundo subjetivo e mundo objetivo e que lastreia, desse modo, conciliadas Verdade e Beleza, a expressão participante. São exemplares dessa dinâmica peculiar da lírica de participação social aqui referida alguns versos que vale a pena recuperar, de Drummond e de

Gullar. Observá-los em contexto pode ajudar a especificar melhor algumas questões essenciais da poesia participante de um e de outro.

De Drummond, o verso se acha em *A rosa do povo*, mas parece muito adequado para a caracterização desse núcleo de energia lírica que não faz a poesia se dissolver em discurso político e lhe dá chance de preservar dialeticamente o alcance civil ou participante da poética, seja de *Sentimento do Mundo*, seja de *Dentro da noite veloz*. O verso é do poema “América” e nele o eu-lírico diz, definindo o seu próprio ofício: “Portanto, é possível distribuir minha solidão, torná-la meio de conhecimento”.

Em Gullar, a busca de uma identidade que patenteia socialmente os versos e que se estende por todos os outros poemas do livro é “Sou um homem comum/ brasileiro, maior, casado, reservista,/ e não vejo na vida, amigo,/ nenhum sentido/ senão lutarmos juntos por um mundo melhor” (GULLAR, 2000, p. 167).

Lidos em contraste, e a partir dessas matrizes poéticas de cujos versos acima são emblemas, ambos os livros apresentam:

- por um lado, um eu-lírico que, expondo honestamente as contradições da sua posição social, deseja revelar-se como homem comum e não como poeta abstraído da realidade social. Isso, é claro, com soluções diferentes em termos de movimento de aproximação e distanciamento daquele que poderíamos considerar o “outro de classe” dos poetas;
- por outro lado, a solidão lírica funciona como “meio de conhecimento”, resultando, evidentemente, em lirismos diferentes. No caso de Drummond, o sentimento lírico acentua a cisa~, no caso de Gullar a voz lírica esforça-se por performatizar um desejo de partilha de experiência histórica em relação ao “outro de classe”.

Esses elementos, “solidão” e “homem-comum”, são essenciais para a especificidade estética que destina ao lirismo de participação social dos autores traços residuais de outros modos literários, notadamente ficcionais e dramáticos. Assim, avaliar o valor político e o valor de permanência literária dessas obras, é, em grande medida, conceber tal lírica como

aberta a dimensões estruturantes de outros gêneros literários. Sem alongar a discussão, para melhor aclarar o argumento, pode-se lembrar uma passagem em que David Arrigucci Jr. (2002) refere-se à poesia reflexiva de Drummond como lírica que se abre a outros gêneros:

Mas no plano da poesia, que aqui importa, nota-se desde o começo a mistura de gêneros, com a presença de traços estilísticos dramáticos e narrativos que se integram perfeitamente, como acontece com frequência no poema lírico, à subjetividade dominante própria do gênero principal. Eventuais traços dramáticos ou narrativos apenas matizam o que enuncia a voz central que fala ao leitor. A questão se acha, porém, na forma reflexiva que a lírica assume nesse caso.

É que o pensamento desempenha um papel decisivo no mais íntimo dela, pois define a atitude básica do sujeito lírico, interferindo na relação que este mantém com o mundo exterior, ao mesmo tempo que cava mais fundo na própria subjetividade: o resultado desse processo é o adensamento do lirismo pelo esforço meditativo, que casa um esquema de ideias à expressão dos sentimentos. (ARRIGUCCI JR., 2002, p. 16)

Considerando as especificidades da forma literária e do processo social de *sentimento do mundo* e de *Dentro da noite* veloz, é bastante plausível afirmar que esta abertura à ficcionalização e à dramaticidade configura-se como determinante do valor estético da poesia participante dos autores aqui analisados. Se, pelo lado da ficcionalização, ou seja, da apresentação lírica de uma micro-narrativa em que o componente biográfico é importante, o poeta cria uma representação de si em relação ao mundo social, pelo lado da dramatização, ao enunciar-se em solidão ou como homem comum, o poeta também termina por inventar para si um interlocutor ideal. É possível dizer, então, que a força política e poética da lírica participante aqui enfocada, sobretudo se considerados os poemas aqui postos em confronto, encontra-se na *fantasia poética reveladora de um lugar na luta de classes* que cada um dos poemas constrói e partilha com o leitor. Nesses termos é que as chamadas contradições sociais assomam agudamente a forma dos textos.

Esta dinâmica sustenta, ainda, a atitude participante dos dois autores, na medida em que os salva da diluição na retórica política antipoética, programática ou unilateral. É necessário dizer, todavia, que, se a retórica política pode e deve, por exigência do projeto dos autores, estar considerada nos versos, ela não se encontra ali, a bem da realização estética, como um elemento hiperdeterminante da estrutura. É o “conhecimento” almejado e, por fim, alcançado pela forma lírica calcada na solidão do homem comum (na verdade a emblemática condição política de um social consciente de sua participação ativa no presente da comunidade) que equilibra as coisas na fatura do poema e não o deixa diluído nem no solipsismo nem em pura denúncia, retórica vazia ou retrato positivista e vulgar dos problemas sociais.

Gullar e Drummond, por exemplo, procuram não falar ao povo de cima para baixo, nem tão pouco falar como se alguém de uma condição social diferente da sua verdadeira. O lugar político da figura literária do eu-lírico de tendência autobiográfica é, então, a de uma persona lírica que age, politicamente, como mediador entre classes que é capaz de problematizar essa distância. A subjetividade, assim, transforma-se de instância poética representativa de isolamento social em instância poética de conexão, que, através da dominância de certos sentimentos (mal-estar/solidariedade) abre condições poéticas de compreensão da dinâmica social. É o que veremos, por exemplo, no poema “O açúcar”, de Ferreira Gullar, ou, em outra chave, “Elegia 1938”, de Drummond.

O movimento formal básico desta lírica participante parece ser, então, o de recolhimento de elementos do mundo imediato, cotidiano, num processo subjetivo de alta complexidade que funde “num mesmo impasse” a experiência biográfica projetada na teia de relações sociais, nos movimentos gerais da História e na necessidade de intervenção transformadora na realidade. Tais elementos, em princípio externos ao poema, convertem-se em condição fundamental da eficácia estética expressão lírica, graças ao poder transfigurador da poesia. Contudo, um tal conjunto de elementos só pode funcionar assim à medida em que deixam de ser imperativos de conteúdo e convertem-se em sutilezas da forma poética.

Adorno, em seu debate com Sartre a respeito do “engajamento” dizia:

Nenhuma palavra que é inserida numa obra literária desvincula-se completamente das significações que possui no discurso comunicativo, mas também em obra alguma, nem mesmo no romance tradicional, essa significação conserva inalterada aquela mesma que a palavra tinha fora do texto. [...] Os rudimentos das significações externas nas composições literárias são o inevitavelmente desartístico da arte. Não é neles que devemos ler sua lei forma, e sim na dialética dos dois momentos. (ADORNO, 1991, p. 52).

É precisamente nesse processo dialético, o qual tem a ver com a conversão da matéria social em arte, que se encontra a densidade participante dos livros postos aqui em confronto. Portanto, aquilo que fora do poema tem função política, dentro dele, precisa ser avaliado como “elemento em função literária”. Isso não quer dizer simplesmente apagar relações imediatas com a realidade, mas verificar em que medida, no contexto da obra, tais relações contribuíram para o processamento artístico da matéria social, cujo resultado último e inquestionável é a própria superação das significações externas. Desse modo, a questão fundamental continua sendo: como a lírica participante de Gullar e Drummond é capaz de se descontingenciar das fronteiras urgentes dos acontecimentos históricos e da necessidade de intromissão do intelectual nos debates que o interpelem desde o horizonte da política? O processo de superação das contingências, segundo exposto até aqui (atingido no caso dos dois poetas em análise através das marcas individuais e da forte maturação da expressão poética) faz a obra aderir a um ainda mais agudo sentido político, exatamente porque amparado em uma forma literária inquieta, problematizante e de alta exigência estética.

A esse respeito, Gyorgy Lukács (1966) discute a possibilidade catártica, isto é, de conhecimento da realidade desfetichizador, das obras com vocação de comentário imediato aos acontecimentos históricos. Na *Estética*, o filósofo marxista cita o poeta russo Vladimir Maiakóvski e outros artistas atentos aos acontecimentos do presente para discutir a necessidade

de o autor, ainda que ao tratar de assuntos prenhes de imediatez e ambicionando a intervenção política, deixar manifestar-se na obra a suplantação da contingência, através do trabalho meticuloso com as formas, das relações ativas e propriamente estéticas entre os constituintes do poema.

Diz Lukács (1966, p. 524) que, no caso de certos artistas como o poeta russo Maiakovski ou o pintor espanhol Goya:

a intervenção imediata nas lutas mais atuais, mais momentâneas, pode ser base de uma arte superior. E não se deve depreciar nestes exemplos o papel desencadeador da mera ocasião, nem sequer considerá-la mera ocasião que teria desencadeado a aparição no mundo de um algo estético completamente separável dela. Estas obras – precisamente em sentido estético – foram inseparavelmente inseridas naquelas “exigências do dia” que lhes deram nascimento. E precisamente porque captam e conformam aquele instante da história com toda a sua unidade e irrepetibilidade e, ao mesmo tempo, com sua significação típica, social e humana, podem ter um efeito de força e intensidade de outro modo inimagináveis, um efeito que, não obstante, não há de perder nada de sua violenta intensidade com a caducidade, com a debilitação nem com o esquecimento daquele instante que as produziu.

As obras de que tratamos aqui precisam ser observadas nos termos dessa ambivalência aludida por Lukács. Sua efetividade estética não é atingida a despeito da sua ligação a eventos históricos que claramente disparam o gatilho do trabalho poético. Tal efetividade é conseguida exatamente pela ligação inextrincável com os eventos e a linguagem necessária ao presente histórico, o que se realiza de modo tão radical que preserva do envelhecimento tanto o poema quanto o acontecimento que lhe deu motivo de existência. Assim, a poesia, também num outro sentido, funciona como memória política intensiva de um determinado momento histórico.

É sob essas condições que tanto *Dentro da noite veloz* quanto *Sentimento do mundo* podem ser avaliados em termos de força poética intrínca da nas questões políticas essenciais de seu tempo. Pode-se, então, formular algumas questões a partir disso: Como desvincular a leitura desses livros da consideração do olhar empenhado dos poetas dirigido a problemas de

seu tempo, tais como o “triste mundo fascista” no caso de Drummond e o imperialismo, no caso de Gullar? Como também não considerar, na avaliação das obras e sobretudo nos elementos que garantem forte unidade aos poemas que as compõem, o fato de que tanto o fascismo quanto o imperialismo são problemas universais mediados, nas obras, por questões locais, como a ditadura militar iniciada em 1964 e o Estado Novo, iniciado em 1937. Como, enfim, não pensar que os autores estão produzindo suas obras a partir de uma necessidade importante de entender o lugar do poeta na sociedade e a condição de subdesenvolvimento do país? Todos esses assuntos, poder-se-ia alegar, estão ultrapassados e marcam as obras com o estigma do envelhecimento dos temas. Por isso mesmo vale avançar mais na perquirição: o que, em termos de fatura literária, faria os textos resistirem, como grande poesia, para além do seu compromisso de debate urgente e de intervenção imediata?

4. ELEMENTOS ESTRUTURAIS DA POESIA PARTICIPANTE DE GULLAR E DRUMMOND

Dois elementos ajudam a abordar as questões sugeridas neste trabalho em relação a *Sentimento do mundo* e *Dentro da noite veloz*, são eles: i) a condição social relativamente apartada do eu-lírico e ii) a disposição de autoproblematização e de conhecimento e interpretação do mundo presente que ele exhibe. Como já foi discutido antes, ao construírem a figura lírica que se expressa em seus livros, os poetas delimitam para si um lugar literariamente rigoroso e politicamente significativo. Apresentam-se como sujeitos que falam a partir de uma posição social mediadora, colocando-se entre o mundo de iniquidades e aqueles a quem interessa que a realidade histórica seja transformada. No caso de Drummond, essa posição é mais difusa, no caso de Gullar, ela é mais explícita. Mas há um ponto de partida comum entre os dois, que poderíamos nomear como uma condição lírica de “apartamento”. É o que se vê nos poemas “Noturno à janela do apartamento” e “O açúcar”. Ambos têm como ambiente um local que delimita a condição de classe do escritor. Essa condição é de “apartamento”, tanto

no sentido de “imóvel onde se vive” quanto de “separação em relação à sociedade”. No poema de Drummond, a janela, a noite e o farol cumprem a função de projetar para o leitor algo que pode suplantar o isolamento. No de Gullar, é a contemplação reflexiva da mercadoria açúcar que dispara a disposição de superação de isolamento do poeta. A relação dos poetas com as ferramentas básicas do lirismo, entretanto, é bastante semelhante. Sem ênfase e sem concessões fáceis à retórica politizante, ambos dão forma a um processo de tomada de conhecimento que não apenas envolve o seu lugar social, mas também é determinado por este mesmo lugar social. Ademais, a dicotomia entre luz e escuridão fundamenta os dois poemas, dando figura literária à alienação em relação à vida social embora com conotações muito diversas. Drummond compõe um quadro de identificação da subjetividade com a objetividade do farol, que de alguma forma lhe salva da precipitação na noite; Gullar, por sua vez, deseja criar um quadro social mais determinado, em que se identificam o poeta e o povo de quem ele canta as agruras, postas em relação com o “milagre” da presença do açúcar na manhã do apartamento de Ipanema. Os resultados são, pois, diferentes. Em Gullar, o desejo de integração com o outro de classe domina, suplantando, ao menos sob certos aspectos, a condição de isolamento do poeta, que parece não estar problematizada a forma aqui precisa do apelo realista para resolver seu engajamento. Para Drummond, a força participante do poema tem certamente a ver com o mal-estar diante do isolamento, embora o poeta faça questão de nos sublinhar que nem tudo está perdido, enquanto o farol mantiver acesas e pulsantes suas luzes, ou o poeta mantiver o seu desejo lírico de expressão problemática da vida alienada.

O desejo de compreensão de Drummond, assim, é, de modo ambivalente, fruto e fratura do mundo da alienação que se caracteriza em *Sentimento do Mundo*. John Gledson registra, com grande perspicácia, a alienação como característica essencial do volume drummondiano de 1940:

Por ela [a alienação] significamos a sensação insistente que tem o poeta de estar separado de coisas às quais está na verdade, ou deveria, estar ligado. Sem dúvida, a alienação sempre existiu em algum sentido em Drummond. Agora, porém, aparece numa forma clara e cons-

ciente. É por isso que a palavra é útil aqui; porque descreve e ajuda a compreender as estruturas de muitos poemas de assuntos muito diferentes. Neles, há objetos – coisas, gente – que existem fora do poeta, fora do controle de sua imaginação, por assim dizer. O poeta compreende que está tudo cortado no mundo, e justamente por isso vê esse mundo como objeto, sem as dúvidas acerca da posição do eu (“Tudo é possível/ só eu impossível”), tão importantes em *Brejo das almas*. (GLEDSON, 1981, p. 118).

Já o desejo de integração discursiva aos “homens de vida amarga” faz com que Gullar ponha em contexto também a sua condição de isolamento (e mesmo de cumplicidade) em relação ao processo de exploração, que, visto pelo avesso através do lirismo, pode se tornar, como já visto, meio de conhecimento.

Hermenegildo Bastos (2001, p. 23-24) monta assim o núcleo da equação do poema “O Açúcar”:

Na sua condição, traduzida pela manhã em Ipanema e pelo café a ser adoçado, que são seus, o poeta se sente cúmplice do processo de escamoteação. O que está em jogo, portanto, é, mais do que a produção do açúcar, a produção do poema, ou melhor, a íntima relação entre as duas produções. O refinamento é, então, tanto do açúcar quanto do poema. Ligando os dois, está o fato de que, na sucessão das etapas de produção, alguma coisa é desprezada, deixada para trás como bagaço. Na verdade, o que adoça a manhã em Ipanema é o doce do poema, que, por sua vez, é a quintessência do doce do açúcar.

A manhã em Ipanema é um *locus amoenus*, ao qual se contrapõem as “usinas escuras”. O *locus amoenus* seria o lugar do milagre; as “usinas escuras”, o da produção.

Um outro aspecto digno de atenção tem a ver com esta condição “apartada” que se observa em “O açúcar” e em “Noturno à janela do apartamento”. Ele favorece a percepção de sutilezas distintivas nas vozes poeticamente participantes dos autores e tem a ver com o grande potencial de autoquestionamento lírico dos textos. Em Drummond a interpretação participante no mundo é, sobretudo, resultado de uma postura autocrítica,

que, por isso mesmo, jamais se perde no discurso político desproblematizado. Ela não se desenvolve como figuração da necessária transformação da realidade de modo tão cabal como ocorrerá alguns anos depois em *A rosa do povo*, em que veremos uma presença maior de imagens da utopia. Um recurso para desenvolver essa visão crítica sobre si é a utilização da segunda pessoa, como se vê em “Elegia 1938”, que favorece o chamado “diálogo a um” e promove a objetivação crítica de si mesmo. Embora frequente em Drummond, esse recurso lírico, que termina por sublinhar o isolamento e o tratamento crítico da alienação, é menos frequente em Gullar. Na poética de *Dentro da noite veloz*, será mais regular o uso da primeira pessoa como forma de dar força lírica à figura do “homem comum”, imerso na trivialidade dos “dias comuns” da cidade grande brasileira, em geral falando em primeira pessoa, como em “Agosto 1964”. O poeta neste texto não se converterá em uma persona diferente de si para falar, mas o peso de coletividade se fará presente nos poemas, por meio do recurso a certos torneios retóricos colhidos na dicção dos discursos ideológicos e da própria figuração do outro de classe, como no poema “O açúcar”. Deriva daí um interessante contraste de expressão participante, auferido por meio de tonalidades poéticas distintas. A tonalidade de Drummond, alguém consciente da sua situação de alienação, é mais elegíaca, disfórica. O tom poético de Gullar, no mais das vezes, considera como palpável a transformação social (e concebe nela uma sua participação). Por isso, a sua lírica se contamina, mais amiúde, com elementos característicos da retórica política utopista, como podemos perceber nos versos finais de “Homem comum”, em que a coletividade se sublinha no uso reiterado da primeira pessoa do plural: “Mas somos muitos milhões de homens/ comuns/ e podemos formar uma muralha/ com nossos corpos de sonho e margaridas” (GULLAR, 2000, p. 168). Algo que também se vê plasmado ao fecho do poema “Agosto 1964”: “Do salário injusto,/ da punição injusta,/ da humilhação, da tortura,/ do terror/ retiramos algo e com ele construímos um artefato// um poema/ uma bandeira” (GULLAR, 2000, p. 170).

Consideradas assim em cotejo, as obras evidenciam alguns de seus limites: no Drummond participante falta a superação do ensimesmamento

através de uma projetiva que suplantaria a condição de apartamento; em Gullar, por sua vez, falta a crítica dessa condição isolada do poeta, que de fato está nos seus poemas diluída na simbologia do “homem comum”, devido à necessidade da época e aos recursos poéticos disponíveis. Drummond, cuja forma é prenhe de negatividade, deixa suspensa no texto a possibilidade de diálogo com o outro de classe (a esse respeito vale recordar, por exemplo, “Operário no mar”); em Gullar, embora não figurada, essa possibilidade é condição da lírica que se abre à frequente contribuição de imagens da retórica política (como a “bandeira”, quase sinônimo perfeito de poema em “Agosto 1964”). Gullar fala para chegar ao outro, sem o qual o mundo novo não se faz. Drummond escreve de modo a exprimir a força de diagnóstico e sentimento agudo do mundo da alienação, em que a figuração lírica do outro de classe é sentida de modo mais agudo.

Dessa forma, pela posição de apartamento e a dicção poética que se problematiza ou se contamina com a retórica participante, as obras de Drummond e de Gullar cumprem uma função política muito expressiva no contexto da lírica brasileira: elas colocam o peso do problema das classes sociais no Brasil no núcleo mesmo da expressão lírica. Consubstanciam as obras, assim, uma localização social e política do autor literário brasileiro; e com isso dão vazão a um tratamento crítico das heranças do Modernismo e sua necessidade de (re) criar a noção de nacionalidade no Brasil diante de influxos internacionalistas politicamente e economicamente opressores, como o fascismo e o imperialismo.

Como forma de encaminhar uma conclusão parcial e primeira em relação à abordagem contrastiva das obras *Sentimento do mundo* e *Dentro da noite veloz*, vale contemplar o que os títulos revelam da essência das obras. Com isso talvez se consiga enxergar mais claramente as nuances de compromisso social disseminadas nos versos dos poemas. O sintagma **sentimento do mundo** resume bem a postura do eu participante de Drummond, que sente o mundo em primeira pessoa e fratura-o discursivamente num processo de conhecimento crítico da própria condição alienada. O título do livro de Gullar revela a condição de alguém que se enuncia de *dentro* do mundo das contradições contemporâneas, a **noite**

veloz. Poderíamos interrogar se daí não viriam dois vínculos profundos com eventos biográficos que os poetas também, de algum modo, desejaram transfigurar nas obras, vínculos esses que fundem poesia, ficção, testemunho, confissão e história. No caso de Drummond, o vínculo profundo com a condição de poeta político muito próximo do regime de opressão, do qual de certa maneira também participa como funcionário público. No caso de Gullar, o vínculo profundo com a condição real do exilado e do perseguido político que sente a vida desfazer-se caso não haja horizonte de transformação social (algo que ganha representação poético-política em chave de solução utópica na figura do “homem comum”).

Tudo isso gera implicações na forma mesma da poesia participante brasileira como um todo, já que os autores detêm obras que representam momentos de síntese de uma certa linhagem literária preocupada com a expressão crítica dos problemas sociais do país. Com o contraste dessas obras, vemos se estender um arco de atenção poética e de interpretação transfiguradora da realidade que vai da **reflexividade participante**, de Drummond, à **participação reflexiva**, de Gullar, numa clara alternância de ênfase de um tempo a outro, de um eu-lírico a outro. Em nenhum dos dois casos, entretanto, a compreensão do mundo está desvinculada da expressão poética da própria experiência individual, que se torna, no limite, problematização da condição de classe do escritor. Nem está, de outro modo, a expressão poética desvinculada da necessidade da intervenção política para a transformação da realidade. De fato, o que realizam ambos os poetas é tornar a “solidão meio de conhecimento” através da construção de figuras poéticas de materialidade tendencialmente autobiográfica, figurada em condição tendencialmente mais isolada em Drummond e mais tendente à transigência comunicativa em Gullar.

Em Drummond, o sujeito lírico critica o mundo através da sua condição de privilégio e proximidade do poder. Em Gullar, a solução é atravessada pela busca de uma poesia de deslegitimação de seu mundo de privilégio, criando uma dicção capaz de, ao menos no poema, reconciliá-lo com o outro de classe sob o signo da luta política. Daí o esforço retórico de Gullar de se representar dentro do poema como pedestre e

comum, agregando ao seu discurso ferramentas mais palpáveis de retórica política. Para Drummond, a luta transformadora, ao menos em *Sentimento do mundo*, possui sempre um contrapeso de impossibilidade, donde deriva a tonalidade mais elegíaca ou melancólica, em que irão diluir-se certos procedimentos de retórica política. Para Gullar, a utopia transformadora é capaz de amalgamar anseios de transformação e de crítica do mundo desajustado socialmente, ainda que pela expressão da distância, como em “O açúcar”. Em Drummond, a melancolia crítica é capaz de atestar a cisão entre intelectual, povo e mudança social, em relação ao mundo da alienação, como em “Elegia 1938”. De todo modo, esses são mecanismos poéticos que garantem a universalidade da expressão participante dos dois poetas, num movimento dialético que combina fidelidade ao tempo histórico e a superação das contingências em dicção que tensiona movimentos subjetivos e uma dinâmica social profunda.

5. UM PASSO ALÉM: RELAÇÕES DINÂMICAS COM O SISTEMA LITERÁRIO

Há talvez ainda uma última questão para a qual a aproximação dessas duas obras aponta. Uma questão de natureza sistêmica. Recorre-se aqui à maneira peculiar segundo a qual a voz lírica pode ser também lida como algo que abrange em termos intensivos a dimensão da própria situação da literatura e do país, ou, ao menos, a ela alude pela capacidade de recolher, em modo condensado, a dinâmica de relações tensionadas entre subjetividade e objetividade na história presente dos autores. Assim, uma certa dicção, uma certa maneira de “encenar” no poema um diálogo ou de “encenar” a impossibilidade de acontecimento deste diálogo seriam elementos que contribuiriam para a estruturação pela poesia de certos aspectos decisivos da dinâmica social e histórica brasileira. Levando ao nervo da questão política em tela nas épocas de *Sentimento do mundo* e de *Dentro da noite veloz*: a capacidade de a poesia encontrar uma dicção participante tendente ao autocentramento crítico (Drummond), por isso de alto peso reflexivo, ou de performatizar uma dicção que comprime a retórica política ao nível do diálogo ao rés-do-chão (Gullar) teria algo a

ver com a avaliação que se pode fazer em relação à democracia e ao alcance, por assim dizer popular, da literatura brasileira em geral e de modo específico a poesia?

Em *Sentimento do mundo*, apesar de participante, como já visto, o eu se apresenta em uma situação aparentemente insuperável de isolamento ou alienação do mundo social. Os agudos comentários sobre o mundo caduco que evidenciam a voltagem política e melancólica de “Elegia 1938”, quase sempre deixam ver uma voz que fala a partir de uma situação de solidão intransigente. A participação social da poesia de Drummond é derivada do isolamento, dialeticamente ensimesmada, desvestida de retórica grandiloquente, altamente poetizada, quase dirigida às paredes, aos objetos ou ao espelho. Praticamente não há interlocutores, a não ser o próprio poeta, ou um seu duplo, cuja figura quase sempre preenche a segunda pessoa do discurso como em “Elegia 1938”. Nesse fechamento autocrítico da forma participante está talvez a notícia de um certo mal-estar com o campo e as funções de intervenção social invariavelmente restritas da literatura. A alta exigência estética de Drummond faz com que seu *Sentimento do mundo* seja abastecido com um bom peso de mal-estar social em relação às restrições de alcance democrático da literatura de seu tempo. Como participar politicamente através de uma forma inacessível ao país de analfabetos que o poeta sente dilaceradamente por dentro? Tudo está eivado de crítica consistente, sem, entretanto, deixar de antecipar claramente algumas coordenadas do fechamento da forma que seria padrão para a Geração de 45 e que se aprofundaria no caso do próprio Drummond a partir de *Novos poemas* e sobretudo de *Claro Enigma*. Em *Sentimento do mundo* estaria, portanto, incrustado um sentimento íntimo de retração do mundo da literatura e também das vozes sociais brasileiras na era Vargas. Sua participação ensimesmada poderia ser tomada, pois, como sintoma de um Brasil em que o diálogo entre as classes está interdito de um modo profundo, malgrado a ideologia do trabalhismo, em grande medida integradora de algumas camadas sociais subalternas. A dicção de impasse da poética drummondiana seria, nesses termos, sintoma de um país mais fechado, onde o posicionamento político mais radical se faz no

fundo da alma solitária. Ao consideramos, então, o caráter ficcional da lírica drummondiana e a sua relação com a poesia da Geração de 45, veremos que a solidão do poeta é ainda uma condição matricial, mas agora com um evidente apagamento do mundo social, que esmaece não apenas o alcance político da forma poética mas também a sua própria força literária.

A poesia do “homem comum” de Gullar, por sua vez, carregaria algo da necessidade de comunicação que se verificaria sistematizado, por exemplo, na chamada geração da “poesia marginal”. A retórica política é trazida para o rés-do-chão, não sendo jamais totalmente descartada. Ela combina a figura do “homem-comum” com a do poeta político e se dissolve em tom de quase conversa, sem a mesma autoproblematização de Drummond, até porque o seu peso literário tem a ver com a sua capacidade de comunicação democrática de um certo sentimento crítico em relação aos rumos do país. O Brasil que permite o surgimento dessa dicção poética é um Brasil pós-1964, cuja própria repressão política é a maior prova de que até o início dos anos 1960 o país vivera um processo democratizante em alguma medida e era permitido ao poeta imaginar a possível conquista do diálogo entre as classes (necessário agora para contrapor-se ao regime ditatorial civil-militar). A poesia de Gullar, tendencialmente menos autocrítica e mais retórica, seria expressão da necessidade democrática do país, através da fórmula comunicativa simétrica, que se estabelece entre dois homens comuns, o que é ao mesmo tempo pressuposição e resultado concreto da lírica do maranhense. Consideradas as devidas ressalvas, essa é a fórmula aproximativa entre poeta e leitor que, ao longo dos anos 1970 e numa chave política muitas vezes bem distinta, a poesia marginal irá desenvolver e levar ao limite do verso desversificado, do verso-conversa entre classes tornado verso-conversa intraclasse, do verso *slogan*. Em regra, se consideramos o campo da dramaticidade que sustentava a fórmula lírica reflexiva de Gullar, o que se verá na poesia marginal é a eleição de um interlocutor mais idêntico ao próprio poeta, ou alguém que partilha com ele uma experiência social mais restrita em termos de classe. Poeta e leitor se aproximam, tornam-se comuns, mas o diálogo implícito não é capaz de transcender a própria classe social. Refaz-se, assim, em chave menos

crítica o diálogo a um? É uma interessante questão que se pode formular ao se considerar a relação de Gullar com a chamada poesia marginal.

É possível, então, avaliar como *Dentro da noite veloz* assume, à sua maneira, um problema da tradição literária brasileira tratado anteriormente com agudeza ímpar pelo autor de *Sentimento do mundo*. Mais do que isso, nota-se claramente como ambos os livros são centrais para a explicação de certos mecanismos que se vão transformando dentro da dinâmica própria do sistema literário brasileiro. Para avaliar melhor essas relações entre Gullar e Drummond e entre os dois e a poesia brasileira é fundamental considerar as peculiaridades estruturais das suas respectivas obras, que certamente passam pela dialética central entre duas necessidades poéticas: a de participação política e a de expressão verdadeira da individualidade, que ajudaram a sustentar a eficácia estética de sua grande poesia participante.

Nos termos que apresentamos até aqui é possível, ainda, considerar a poesia participante brasileira desses dois autores como uma chave para pensar as formas contraditórias segundo as quais o país lida com ciclos de democratização, tendo em vista, sobretudo, a maneira como tais obras dão lugar à expressão de nós históricos que constituem seus momentos presentes e atuam posteriormente no sistema. De certa maneira, o isolamento social que era matéria política em Drummond está posto noutra chave como ornamento dirigido à figura idealizada do leitor especialista da Geração de 45. Por sua vez, a performance de homem comum que pressupõe o diálogo interclasses anula, na poesia marginal, a conversa entre intelectual e trabalhador, a qual passa a ser mais claramente algo também autor-referente. O que foi tentativa de radicalização crítica da forma participante se calcifica em fórmulas que tornam a poesia mais conservadora, porque se erigem ao desconsiderar o mapeamento de classes estabelecido a partir dessa situação de ficcionalização de base autobiográfica, que formula tanto o enunciador quanto o interlocutor em termos políticos. A ficcionalização lírica da autobiografia termina por condensar um laço com o mundo social que faculta o mapeamento político da voz e deflagra a possibilidade de leitura da lírica na relação com a questão de classes no país.

Desse modo, a poesia participante de Drummond e de Gullar debate a fundo dois momentos diferentes da longa e contraditória história de como o Brasil tratou ou deixou de tratar da democratização da sua sociedade iníqua. Como é possível perceber, também as formas literárias nos dão notícia dos interditos e das conquistas democráticas da nação.

.....

GULLAR AND DRUMMOND: LYRICISM AND SOCIAL ENGAGEMENT

ABSTRACT

The article aims to illuminate elements for the comparative reading of two important poem books of twentieth-century Brazilian lyric: *Dentro da noite veloz* (1975), by Ferreira Gullar and *Sentimento do mundo* (1940) by Carlos Drummond de Andrade. Four poems are analyzed to collect these elements: “Agosto 1964” and “O açúcar” by Gullar and “Noturno à janela do apartamento” and “Elegia 1938” by Drummond. From the analysis, the article seeks to point out similarities and verifiable differences in the participating lyricism of the two poets.

KEYWORDS: engaged poetry; aesthetic and politics; poetry and rhetoric.

GULLAR Y DRUMMOND: LIRISMO Y COMPROMISO SOCIAL

RESUMEN

El texto tiene como objetivo identificar algunos elementos para la lectura comparativa de dos importantes libros de poemas de la poesía brasileña del siglo XX: *Dentro da noite veloz* (1975), de Gullar y *Sentimento do mundo* (1940), de Carlos Drummond de Andrade. Se analizan, para la recogida de estos elementos, cuatro poemas: “Agosto de 1964” y “O açúcar” de Gullar y “Noturno na janela do apartamento” y “Elegia 1938”, de Drummond. El texto, a partir del análisis, señala similitudes y diferencias del lirismo de compromiso social verificable en los dos poetas.

PALABRAS-CLAVE: poesía participante; estética y política; la poesía y la retórica.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.
- ARRIGUCCI Jr., David. *Coração partido* – uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac Naify, 2002. p. 16.
- BASTOS, Hermenegildo. “Usinas escuras X locus amoenus: a estética da mercadoria n’ “O açúcar” de Ferreira Gullar. *Revista Estudos de Literatura Brasileira contemporânea*, Brasília, v. 13, p. 16-29, maio/jun. 2001.
- CANDIDO, Antonio. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades: 1981.
- GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite e outros ensaios*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- LUKÁCS, György. *Estetica: problemas de la mimesis*. v. 2. Barcelona, México: Grijalbo, 1966.

Submetido em 30 de março de 2017

Aceito em 02 de maio de 2017

Publicado em 25 de agosto de 2017
